

Os diálogos poético-culturais de Altivo Sette: reflexões sobre a prática literária e a modernidade

Lílian Cristiane Moreira (UFJF) ¹

RESUMO: O escritor são-joanense Altivo de Lemos Sette Câmara (1908-1982) possui uma numerosa produção poética e crítica espalhada pelos jornais *Diário do Comércio* e *Ponte da Cadeia*, que circularam em São João del-Rei durante o século XX. Através desses jornais, o escritor publicou poemas de sua autoria e artigos críticos, cuja temática se volta sempre para o aspecto social: refletindo sobre a modernidade, a política, a economia, a cultura, etc. Ainda no jornal *Diário do Comércio*, encontramos uma coluna de poesias, de responsabilidade de Altivo Sette. Nessa coluna, eram divulgados poemas de diferentes poetas, contemporâneos ou não do são-joanense. Ao selecionar os poetas e trazê-los para o jornal, Altivo estabelece um diálogo com eles e sua obra, além de escolher sua família literária, ou seja, aqueles com os quais gostava de dialogar.

PALAVRAS-CHAVE: jornal, modernidade, diálogo, família literária.

Introdução

Altivo de Lemos Sette Câmara nasceu em São João del-Rei em 1908 e ali faleceu em 1982. Foi um homem de atuações em diferentes áreas: formou-se em direito pela Universidade do Brasil, foi Inspetor Escolar do Ministério da Educação, um dos fundadores do Centro Artístico Cultural de São João del-Rei (CAC), também um dos fundadores, vice-presidente e secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei (IHG), além de ter sido membro do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais. Segundo Martins de Oliveira (1963), Altivo Sette foi revolucionário em 1930, foi piloto da aviação civil, dedicou-se à pintura moderna, chegando a ganhar prêmios em exposições no CAC. Além de todas essas atividades, destaca-se sobretudo como poeta, jornalista e crítico de seu tempo.

Vivendo 74 anos de seu século, o escritor passa pelas guerras mundiais, pelas ditaduras, pela bomba atômica, pela industrialização, pela modernização e tudo isso se mostra presente em seu trabalho, juntamente com os questionamentos que tantas modificações podem provocar no ser humano. Enquanto escritor moderno, Altivo discutia questões referentes à modernidade, que no século XX se fazia gritante e inevitável. Como um raio na tempestade, a modernidade chegava, mostrava seu brilho, impunha seu barulho e deixava suas marcas. E como marcas nem sempre possuem caráter positivo, a modernidade apresentava seus paradoxos: o homem moderno desejava o progresso, mas o progresso era ameaçador; a modernidade que trazia o progresso era a mesma que destruíra parte do passado.

Também, na coluna de poemas de sua responsabilidade, ao trazer para o jornal *Diário do Comércio* diferentes poetas, Altivo Sette estabelecia diálogos com eles e sua obra, além de escolher sua família literária, aqueles com os quais gostava de dialogar.

1- Modernidade e Paradoxos

1.1 - Diário do Comércio e Diário de Minas: um diálogo entre jornais

¹ Doutoranda em Estudos Literários
Universidade Federal de Juiz de Fora
liliancm79@hotmail.com

Altivo Sette foi predominantemente um homem do jornal, pois era através desse veículo de comunicação que o escritor publicava sua obra poética, manifestava seu pensamento e dialogava com seus leitores. Lendo-o nos jornais **Diário do Comércio** e **Ponte da Cadeia** construímos uma imagem do intelectual que foi: um sujeito consciente de seu tempo e de sua posição: a de alguém que podia falar diretamente ao povo e levar a ele conhecimento das situações políticas, econômicas e culturais de São João del-Rei, de Minas, do Brasil e até do mundo.

Conscientes disso, entendemos a importância dos jornais são-joanenses para Altivo Sette. Além do mais, era costume que escritores passassem primeiramente pelos jornais, antes de se lançarem em livros. Em Maria Zilda Cury (1998) encontramos uma reflexão sobre a importância dos jornais para os jovens intelectuais de Minas Gerais. Seu livro foi baseado nas publicações dos jovens modernistas de Minas Gerais, da primeira metade da década de 1920, no jornal **Diário de Minas**, publicado em Belo Horizonte. Segundo a pesquisadora, naquela época a atividade jornalística possuía grande importância, atraindo escritores consagrados e iniciantes. Todo o grupo de Carlos Drummond de Andrade, daquela década, iniciou seu trabalho pelos jornais. O próprio Pedro Nava, um dos escritores modernistas de Minas Gerais, afirma que para entender o Modernismo Mineiro é preciso não ignorar a produção literária (poemas, críticas, divulgações de livros) que saía no jornal **Diário de Minas** (NAVA *apud* CURY, 1998, p.92.).

Apesar de um pouco tardiamente, em relação ao grupo mineiro de 1920, o trabalho de Altivo Sette no **Diário do Comércio** muito se assemelha ao de Drummond no **Diário de Minas**. Tendo morado em grandes cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro – também como Drummond –, Altivo era um homem atualizado em relação às inovações, seja no âmbito literário, político ou econômico. Isso fazia dele um escritor local em constante diálogo com o nacional e o mundial, o que possibilitava ao são-joanense comentários sobre os mais diversos assuntos.

O espaço urbano em desenvolvimento foi alvo de fascínio para os primeiros modernistas brasileiros. Como presenciaram o progresso que chegava, sentiam a contradição de desejá-lo e ao mesmo tempo de repudiá-lo. No **Diário de Minas**, através de artigos dos jovens intelectuais, Maria Zilda Cury pôde ler o processo de modernização da cidade de Belo Horizonte. Os artigos deixavam transparecer tanto um desejo de progresso quanto uma reflexão sobre suas consequências destrutivas.

Da mesma forma como a pesquisadora utilizou-se do **Diário de Minas** para ler o jovem Drummond e seu modernismo, utilizamos, principalmente, o **Diário do Comércio** para lermos Altivo Sette e suas tendências literárias.

1.2 - Tradição e Modernidade

O trabalho de Carlos Drummond de Andrade com sua Itabira ou as referências que faz às cidades coloniais muito se assemelham ao trabalho de Altivo Sette com sua São João del-Rei. Ambos nascidos em cidades mineradoras, fechadas pelas montanhas de Minas e desgastadas pela mineração. Carlos Drummond de Andrade, em artigo ao jornal **Diário de Minas**, de Belo Horizonte, apresenta a consciência de que é preciso proporcionar às cidades históricas seu progresso. O poeta usa como exemplo sua cidade natal, deixando transparecer seu desejo de ver Itabira se desenvolvendo. Consciente de que o progresso é necessário para que o povo não continue bocejando, o poeta prega o progresso das cidades históricas. Para ele, ser tradicional não significa estagnar-se no tempo.

Essa manifestação em favor do progresso é evidente, também, em um acontecimento em São João del-Rei, que foi registrado nas páginas do jornal **Diário do Comércio**, no ano de 1946. Sentindo a necessidade de progresso urbano, a cidade de São João del-Rei está prestes a ganhar uma nova avenida, mas para isso seria necessária a demolição de um antigo sobrado. A prefeitura adquire a propriedade e, ao começar demoli-la, surge o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), embargando a demolição. É impressionante a reação da população, que se faz representar pelo jornal. O **Diário do Comércio** publica um texto da **Revista Comercial de Minas Gerais**, onde se lê: “Queixam-se os de São João del-Rei dos entraves que a displicência do

SPHAN, cria ao seu progresso, e não é justo peiar-se aquela Cidade no seu desejo de evoluir.”²A contradição progresso-tradição aparece de modo a provocar um rebuliço na cidade. Alegavam os moradores que o sobrado em questão não era tombado pelo patrimônio nem poderia ser tombado da noite para o dia como queria o SPHAN. Alegavam também que outros imóveis na cidade, de importância histórica muito maior, estavam precisando dessa intervenção e, no entanto, estavam largados às traças.

Altivo Sette também se manifesta no **Diário do Comércio**. Consciente de viver numa cidade histórica, a qual possui monumentos que devem ser preservados, e diante da repercussão que o acontecimento teve, Altivo fala da necessidade de progresso e de modernização de qualquer cidade.

É desejavel tambem que o Patrimonio reexamine o tombamento geral efetuado em S. João, eliminando os excessos existentes, afim de que a cidade, conservando o que mereça e deva ser conservado, não se veja embarçada na sua expansão para o futuro.

Como quer que seja, o interesse das elites e mesmo das camadas mais populares, vem demonstrar, mais uma vez, que ha em S. João uma sadia e vigilante mentalidade progressista, que, sem renegar o Passado, no que o Passado tem de respeitavel e digno de preservação, tem estado durante muitos anos apenas á espera de condições mais favoraveis para se expandir. (CÂMARA, Altivo de L. Sette. Vidro, cimento e aço. **Diário do Comércio**, 04 ag. 1946, p.1.)

A consciência política de Altivo Sette leva-o a considerar as necessidades pelas quais a cidade passa, sem, no entanto, desprezar o que a cidade tem de patrimônios que são dignos de ser preservados. O que a cidade não quer, e Altivo deixa isso bem claro, é que qualquer casarão velho seja tombado, impossibilitando o crescimento e a modernização de São João del-Rei. As palavras de Altivo Sette acima expostas vão ao encontro das palavras escritas no editorial da primeira edição d’**A Revista**, periódico modernista mineiro: “Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pode continuar a ser o túmulo de nossas déias, mas antes a fonte generosa de que elas dimanem”. (DRUMMOND *apud* CURY, 1998, p.135.)

Ao pedir pelo saneamento da tradição de sua cidade, ou seja, que se preservasse apenas o que realmente merecia ser preservado, percebemos em Altivo Sette a vontade de ver sua cidade evoluída, industrializada e bonita. Se o casarão não era imóvel digno de preservação, que fosse demolido. No entanto, quando alguma construção de valor histórico era demolida, Altivo não se conformava. Um episódio que deixou o escritor são-joanense indignado, na década de 1970, foi a demolição da antiga Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. O Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, do qual Altivo Sette foi um dos fundadores, tentou intervir contra a demolição da antiga Igreja de Matosinhos, que era um bem cultural tombado pelo SPHAN.

Segundo José Antônio de Ávila Sacramento (2004), um dos integrantes atuais do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, o IHG enviou, na ocasião, um ofício ao então pároco de Matosinhos, padre Jacinto Lovato Filho, alertando-o de sua responsabilidade em relação à demolição do templo. A resposta do padre não foi nada amigável:

Nenhum valor tem para mim protesto veemente ou sem veemência (...) O assunto é de exclusivamente (*sic*) da alçada da Igreja (...) Não aceitamos a intromissão de alheios à religião em assuntos de competência da mesma, ainda mais de um desconhecido IHG (...) As Igrejas são para utilização dos fiéis e não para serem contempladas como pura arte de construção... (LOVATO *apud* SACRAMENTO, 2004.)

² Uma cidade briga com o bolor. **Diário do Comércio**, 28 jul.1946, p.1. (A linguagem de todas as citações de Altivo Sette será mantida na forma como foi publicada nos jornais, a fim de que se preserve a linguagem da época, sendo fiel, principalmente, à adoção por parte de Altivo Sette da ortografia comum aos modernistas brasileiros.)

Ainda segundo Sacramento (2004), o IHG solicitou ajuda do Bispo Diocesano D. Delfim Ribeiro Guedes, a fim de que este interviesse no sentido de que pelo menos a portada da Igreja, toda em pedra sabão, permanecesse em São João del-Rei como recordação da antiga Igreja. No entanto nada foi feito e a portada foi vendida para alguém de São Paulo. Em um bilhete enviado ao amigo Fábio Nelson Guimarães – que também fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico -, Altivo expressa decepção ao ver sua tentativa de preservação ser em vão: “Estive em Matosinhos hoje de manhã e assisti, com um nó na garganta, o início da derrubada da fachada da Igreja, em fase de destruição que já não permite qualquer medida salvadora.”³

Em outro momento, Altivo confessa ter tentado manter a portada na cidade de São João del-Rei, pedindo ao comprador de São Paulo que desistisse de sua compra:

meu cunhado, Paulo Campos é testemunha presencial deste meu apelo. Dias depois chegava de SP um caminhão e lá se foi a portada. E também um ornato de pedra-sabão, que figurava um relógio e outras peças, que vi serem postas com guindaste, no caminhão. Talvez a pia batismal, que é igualmente de pedra-sabão. (CÂMARA *apud* SACRAMENTO, 2004.)

Voltando ao jornal **Diário do Comércio**, e à década de 1940, encontramos Altivo Sette utilizando-se do jornal a fim de apontar os problemas de São João del-Rei. Um dos problemas mais urgentes que se resolvido daria à cidade um enorme impulso é a necessidade de aumentar a distribuição da eletricidade. Com eletricidade bem distribuída, o escritor vê a possibilidade do avanço da industrialização. Segundo ele, os industriais da região são progressistas,

(...) dai-lhes energia elétrica farta e constante, dai-lhes boas estradas, e facilidades para novos investimentos de capital, e vos garanto que, em 10 anos, S. João será a segunda cidade industrial de Minas (CÂMARA, Altivo de L. Sette. Problemas locais. **Diário do Comércio**, 27 maio 1945, p.1.).

Diante da possibilidade de a cidade permanecer como estava, ou seja, sem acompanhar os avanços da modernidade, Altivo prevê o futuro: (...) “e...se persistir insolúvel o problema da ELETRICIDADE, correremos o risco de estacionar, constituindo uma comunidade marginal, à beira da vida, que não pára.”⁴

Na coluna de poemas de sua responsabilidade, no **Diário do Comércio**, encontramos várias notas de Altivo Sette a respeito da modernização urbana. Ao estabelecer diálogo entre poesia e crítica, Altivo Sette se mostra um intelectual consciente de sua função de divulgador e formador de opiniões. A posição de Altivo Sette no **Diário do Comércio** é parecidíssima com a de Drummond e seus amigos no **Diário de Minas**. Todos eles escreveram textos críticos, resenhas, poemas modernistas, mostrando sua atualidade com o mundo. Isso nos mostra que Altivo Sette não era um intelectual diferente, ele não era uma exceção. Pelo contrário, faz parte de uma “família” de intelectuais sedentos de transformações. Uma “família” que foi selecionada pelo próprio Altivo Sette em suas leituras, as quais, confirmadas por seu filho Antônio, eram repletas de modernistas brasileiros.

Em diálogo com o poema **São João del-Rei**, de Carlos Drummond de Andrade, trazido para o jornal, Altivo reflete sobre o monótono passado de sua cidade. O poema apresenta a cidade ainda como um lugar sem vida, sem perspectiva, parado, onde nada havia para ser feito. Diante de um lugar desses, o intelectual Altivo Sette, em nota ao poema, deseja a modernização:

Naquêle tempo a cidade era um burgo marcadamente colonial. (...) Ainda não existiam, a Avenida Tiradentes, a Praça dos Andradas, a Rua Aureliano Mourão e tantos outros logradouros, e nem as vilas e bairros surgidos bem depois, mal

³ CÂMARA, Altivo de L. Sette. s/d, grifo do autor.

⁴ CÂMARA, Altivo de Lemos Sette. Problemas locais. *Diário do Comércio*, 27 maio 1945, p.1.

acompanhando o repentino crescimento das indústrias. / Nas chuvas, a água encanada era barrenta, e a luz se apagava, entre o relâmpago e o trovão. / A população modorrava, isolada nesta ponta fria de estrada de ferro. (...) As crianças dormiam cedo, e tremiam de medo da mula-sem-cabeça, e assombrações e fantasmas. Fantasma, com ph, metia medo até em gente grande.../ Ora, era, de fato, uma “cidade paralítica”. (...) o que havia a fazer era cismar na derrota incomparável. (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 14 jun. 1959, p.1.)

Palavras e expressões de significação negativa, como modorrava, isolada, ponta fria, cidade paralítica, derrota, mostram que o escritor vê esse passado de forma negativa. Altivo dialoga com Drummond como São João del-Rei dialoga com Itabira, ambas cidades paralíticas, nas quais restava “cismar na derrota incomparável”. Altivo sente as semelhanças existentes entre as cidades, e comenta em nota:

Ora, [São João del-Rei] era, de fato, uma “cidade paralítica”. Assim a viu e a sentiu o poeta, êle cidadão de outra cidade então também paralítica. Itabira do Mato Dentro, “cidade tôda de ferro, as ferraduras batem como sinos”... E lá, como aqui, naquêlo tempo, o que havia a fazer era cismar na derrota incomparável. / E o secular silêncio só era interrompido por dobres e repiques de sinos, e aflitivos apitos das pequenas e renitentes locomotivas da E. F. O. M. (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 14 jun. 1959, p.1.)

No entanto, como a modernidade apresenta-se paradoxalmente, algumas conseqüências de sua apresentação começam a provocar um estranhamento até então ausente. De repente, o poeta que desejava o progresso e a industrialização percebe que eles não chegam sem trazer consigo as conseqüências negativas da modernização urbana. A cidade que se transforma logo começa a se mostrar estranha ao intelectual Altivo Sette. Esse estranhamento é recorrente no homem moderno, que se vê entre o passado e o futuro. Também no **Diário de Minas**, Maria Zilda Cury encontrou registros que mostram o quanto era comum os intelectuais oscilarem entre o progresso e a tradição.

No trecho a seguir, Altivo menciona os anos de 1930, exatamente a época em que as grandes cidades brasileiras recebem um impulso maior para seu avanço. Em suas palavras percebemos um caráter nostálgico em relação a um tempo que não existe mais.

Hoje NADA mais resta dos encantos, pontos pitorescos, de passeio e, turismo, que existiam ainda, nos anos de 30. / Das “Gameleiras” só resta o nome. Caminhos, pedras, plantas e areias, tudo sujo, rebentado, uma desolação. Ao redor, tirando para sempre a intimidade do recanto brotou uma favela. E o córrego é um triste fio d’água micha... / O “Guarda-Mór” ora é uma só erosão, feita por tratores que o escalavraram inutilmente. E’ paragem desértica, feia, só poeira e barro. / Como local de banho e recreio, o “Rio Acima” não existe mais. Casas próximas, lixo, água pouca e suja, vedam qualquer veleidade recreativa. / Basta olhar a foto do álbum de 1913 para se ver que o encanto se calou para sempre no “Cala-Boca”. E’ local inteiramente devastado, sem vegetação, de água minguate, e com uma estúpida tabuleta avisando “proibido tomar banho”. (Por que não acrescentaram “...e comer capim?”) / Quanto ao lúgubre Matadouro, hoje, 50 anos depois do poema, continua a ser o mesmo municipal “desdouro”. / E assim por diante. TODOS os demais sítios pitorescos e belos dos arredores da cidade, (Casa da Pedra, Bica da Prata, Ribeirão, etc.), e a flora e a fauna, foram selvagememente destruídos, dos anos 30 para cá, por gente de vária espécie e fortuna. Destruídos a pontapés, canivetadas, tiros, cabeçadas, dentadas, porretadas, dinamite, pau, ferro e fogo. / E ainda por cima há uns filistinos que dizem: é o progresso.../ O Progresso? Ah, sim. O Progresso... (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 26 ag. 1962, p.4.)

O trecho acima é uma nota ao poema **Os encantos de S. João**, de Franklin Magalhães, escolhido por Altivo para ser publicado em sua coluna de poemas. Escrito por volta de 1913, o poema retrata a cidade de São João del-Rei quando ainda possuía os encantos mencionados na nota, que, no entanto, na época de Altivo Sette já se haviam desencantado. Os paradoxos da modernidade começam a se fazer presentes na pequena cidade do interior de Minas Gerais. Na verdade, esses paradoxos são extremamente preocupantes nas cidades grandes, pois instauram uma pobreza muito grande. A modernidade não acontece em toda a cidade, uma parte é privilegiada, enquanto outra recebe as sobras da modernização. As grandes cidades viram surgir as favelas, pois os pobres eram empurrados do centro para a periferia. Com isso, problemas de falta de saneamento básico eram freqüentes. Isso, sem contar o desmatamento que se dava para o crescimento da cidade.

Outra mudança significativa nas cidades modernas aconteceu em sua paisagem sonora, que começou a se apresentar de cara nova. Um dos tradicionais símbolos da cidade de São João del-Rei, os sinos, começam, através das imagens poéticas de Altivo Sette, a perder seu significado ao se misturarem à paisagem sonora da modernidade. Antes de o progresso chegar à cidade, os sinos falavam aos são-joanenses, cada toque comunicava um sentido a seus ouvintes.

Por que os sinos batem, igual, o dia inteiro?
Os sinos batem mas não é terentena
de festa ou novena
nem dobre comum para defunto algum.
Os sinos tângem singular responso,
ah! é o velho toque de Senhora-Morta.

(CÂMARA, Altivo de L. Sette. Senhora-Morta. **Ponte da Cadeia**, 03 a 10 jan. 1971. Ed. Especial.)

No entanto, essa linguagem dos sinos, tão forte na tradição, começou a dar lugar a outros sons que foram surgindo com a modernidade. Não são mais os sinos que falam à cidade, mas o apito das fábricas, como aparece no poema **“Senhor Deus, misericórdia”**.

Finda no Carmo esta encomendação de Almas.
Ficam as do Quicumbí à espera até de madrugada,
quando anuncia “é dia!” a sirena, uivo sinistro de Fábricas.
Urge o tempo! Tempo é dinheiro? (Tempo é alma...)
Vamos. São horas. – De que?...

(CÂMARA, Altivo de L. Sette. “Senhor Deus, misericórdia”. **Diário do Comércio**, 6 abr. 1961, p.4)

Percebe-se que o som da modernidade é como um uivo para o poeta. A modernidade é inevitável, desejada, mas temida. Com ela [a modernidade] e a industrialização, tão desejadas por Altivo Sette, a cidade não só ganha uma nova paisagem sonora como se instaura uma nova mentalidade que advém do mundo capitalista. O tempo, que se esvai com intensa rapidez, é sinônimo de dinheiro e precisa ser muito bem aproveitado. Ele urge, não é possível dar tempo ao tempo. *Time is money!* Essa é a máxima do mundo capitalista do século XX.

A modernidade chega sem pedir licença e vai impondo seu barulho:

Depois, alto-falantes, sirenes e buzinas
irrompem, repentistas, rebentam o tambor do tímpano.
E’ o presente! Só temos tempo de gritar correndo:
aleluia!
E Dom Delfim, sorrindo, cruza o limiar da História.

(CÂMARA, Altivo de L. Sette. Dom Delfim Ribeiro Guedes. **Diário do Comércio**, 6 nov. 1960, p.1)

A paisagem sonora da modernidade não soa como música aos ouvidos do poeta, pelo contrário, é algo que fere, que estoura os tímpanos. A tranqüila cidade interiorana...

Festa do Divino Sprito!

Barraquinhas no largo da Matriz
Banda-leilão-coreto-fogos de lágrimas.
Era uma festa do povo cheia de graça...
E o itinerante anjo do Senhor desceu
parou ali.

(CÂMARA, Altivo de L. Sette. O anjo e a besta alto-falante. **Diário do Comércio**, 25 nov. 1962, p.4.)

...perde sua paz diante dessa invasão sonora:

...Mas o dia chegou
mas o dia chegou aziago.
Homens sombrios invadiram o adro
e depressa pregaram na cruzeta do poste
novo rei do inferno urbano, o Alto Falante,
a besta caçula do Apocalipse.

.....
E o Barulho da besta sinistra
estraga a festa.
E o Barulho da besta parlante
Embrutece o povo.
E o Barulho da besta terrorista
é tormento ao redor uma légua.

(CÂMARA, Altivo de L. Sette. O anjo e a besta alto-falante. **Diário do Comércio**, 25 nov. 1962, p.4.)

O sossego provinciano e colonial, acostumado apenas com os sinos a lhe falarem, começa a ser perturbado, instaurando, assim, o inferno urbano. Os sinos que atraíam o anjo foram calados pelo alto-falante, e a “besta sinistra” só consegue atrair os surdos voadores da noite, como diz o poeta mais adiante, no mesmo poema: “Só os surdos morcegos amam a besta / E giram em roda mole disco negro.” Uma espécie de nostalgia começa a surgir neste eu-lírico que sente falta do silêncio e do tempo lento destruídos pela modernidade.

Em nota ao poema *Silêncio depressa*, de Augusto Frederico Schmidt, Altivo comenta, de uma forma muito crítica, a barulhenta cidade de São João del-Rei, nos idos da década de 1960.

Sucedo ser S. João, de vez em quando, mais barulhenta que New York. E S. João tem apenas 4(2) mil almas. Ou, talvez, 40 mil corpos e 2 mil almas... Ao passo que New York tem 18 milhões de mascadores de chicletes. / Sim, aqui, qualquer veículo faz mais barulho do que todo o tráfego da Quinta Avenida, em N.Y., tráfego que desliza como um litro [de] óleo num cano em declive. / E os sinos? Sem nenhuma piedade cristã, os sinos são esbordoados até rachar. / Agora, neste mês de três santos, que a estupidez nacional transformou em mês infernal, estrondam as bombas, sem fogueiras, nem graça, nem música. Bombardeio à-tôa, nas pedras e buracos da rua, barulho primário, brincadeira bêsta, embora seu tanto respeitável pelo que tem de ritual e fúnebre, como ensaio para sagração do demônio. (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 19 jun. 1960, p.4.)

A paisagem sonora de São João del-Rei, talvez seja melhor dizer a confusão sonora de São João del-Rei, é comparada a New York, símbolo maior da modernidade urbana com sua heterogeneidade e suas confusões. Com milhões de habitantes a menos, a cidade interiorana é bombardeada no mês de junho. As festas juninas perdem sua essência, permanecendo apenas o estrondo das bombas que, juntamente com os esbordoados sinos da cidade, ajudam a instaurar o inferno urbano.

Em nota a outro poema, *Os sinos*, de Manuel Bandeira, Altivo Sette volta a falar sobre o som dos sinos e a mostrar que o progresso trouxe sua ‘desglamourização’.

Quanto aos nossos sinos, algumas vezes parece que são tocados, ou martelados, não exatamente para louvar a Deus, mas atormentar os homens. E é possível que já tenham mandado muitos para o inferno... Pois, quantos agonizantes lúcidos, não terão morrido com raiva? Quantos cristãos vacilantes e mal esclarecidos, não terão voltado as costas a uma religião que, segundo eles, prega a caridade, proclama a divina excelência do “amai-vos uns aos outros”, mas permite que a falta de caridade se fortifique no alto das tôrres? Pois, oh! sineiros, perturbar o sono de crianças doentes (e mesmo de saúde), é falta de caridade. Confundir com barulho demasiado e renitente, o espírito dos que estão estudando, ou trabalhando em paz, ou meditando, ou simplesmente vivendo sem molestar ninguém, é falta de caridade. Impossibilitar, com escandaloso arruído, a atenção dos fieis, em certas festas religiosas externas, é falta de caridade. Et coetera. (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 17 jan. 1960.)

O poeta moderno é esse homem paradoxal, em constante conflito com a modernidade e suas conseqüências. Ela traz progresso e por isso é desejada, mas traz também a descaracterização das cidades pequenas, das cidades históricas, da cidadezinha qualquer do interior de Minas.

Altivo Sette, depois de muito pedir pela eletricidade, pelas indústrias, pelo progresso, conclui que feliz é aquele que mora numa cidadezinha qualquer, com o tempo que passa devagar, sem água encanada, com escassa eletricidade e se perguntando: “Coisa é o progresso! Mas... valerá a pena?” Apenas se não viesse acompanhado de todos os seus paradoxos.

...lá [em Cajuú] não há água canalizada, nem luz, nem esgôto, nem médico./... Arraial feliz! Do alto dos seus cem anos, os longevos cajuúenses hão de contemplar sorrindo, a vida selvagem das grandes cidades, com Homens-Sem-Tempo que só tratam de trotar atrás do dinheiro que vâa./ ... Arraial feliz! Não tem luz? Livre está da leitura noturna do jornal com más notícias. E do rádio, que não tem música de Bach, porque o tempo todo é daquele espiquer bêsta, que fala, fala, fala, fala atrás do próprio éco, até o acorde final do nosso hino (cacófatón!), alôôô.../ Não tem água canalizada? Pois Belo Horizonte tem canalização sem água. E no Hotel, o empoeirado chegante, ao abrir a torneira ouve só o gargarejo do ar na goela da torneira, assim: grrróóó... grrróóó... E de urbana raiva rebenta o miocárdio ou o cóis./ Ora, não tem esgôto? Como dois terços da população do Rio, sujeita ainda às federais fossas de acocoração.../ Não tem médico? Então, é exemplar necrocracia: ali todos são iguais perante a morte. Sem médico, qualquer pessoa pode morrer da sua própria morte natural.../ Grande e comovente Coisa é o Progresso! Mas... valerá a pena? Com a estrada asfaltada, lá se vão chispando para as capitais, nossos queijos e frangos. E de lá nos chegam sujeitos espertos, meio turistas meio traficantes, a nos impingir anedotas ou candidatos ou Coisas Úteis, que compramos (para quebrar). E com o Alfabeto perdemos as cozinheiras e ganhamos (?) eleitores, novos freguezes dos políticos estabelecidos./ O progresso... Sim, o progresso... Que venha, para nós, e o Cajuú, e a “Cidadezinha Qualquer”, do poeta universal Carlos Drummond. Mas que venha sem a exploração do povo pelas elites, sem a exploração do interior pelo govêrno federal, sem a Exploração-Do-Homem-Pelo-Homem, que já vai tornando repulsiva a civilização nacional, cuja fórmula mágica é a seguinte: meia dúzia de alegres comendo, milhões de jururús a cajuuar... (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 28 ag. 1960, p.4.)

2- Diálogos Literários

Altivo Sette foi um intelectual em consonância com seu tempo, como vimos em suas reflexões sobre a modernidade, e com os intelectuais desse tempo. Ele inicia sua produção no final da década de 1930, quando o distanciamento histórico da efervescência de 22 já acrescentara ao Modernismo

Brasileiro uma consciência crítica mais sistematizada, no que se referia à política, à cultura, à economia, etc.

Como escreve alguns anos depois dos modernistas brasileiros do início do Movimento, Altivo demonstra um amadurecimento de leitura das concepções modernistas, escolhendo aquelas das quais se apropriaria. Preferimos não classificá-lo como fazem os manuais de literatura, já que as obras não são objetos estanques, que podem ser fechados em gavetas e etiquetados. Os artistas possuem seu próprio tempo de amadurecimento e reflexão, e assim o percurso de sua obra pode sofrer um processo pendular de idas e vindas, oscilando entre as novidades e as tradições literárias.

Como dissemos, Altivo Sette traz para o jornal **Diário do Comércio** vários poetas com os quais estabelecia seus diálogos. Anteriormente citamos Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira; encontramos ainda em suas reflexões referência a Mário de Andrade e a Fernando Pessoa, entre outros. Através de suas escolhas, o são-joanense refletia sobre a prática literária, já que escrevia notas a respeito dos autores e de suas obras, além de refletir também sobre o Modernismo Brasileiro.

Vejamos alguns de seus apontamentos crítico-literários, começando por sua opinião a respeito do Movimento Modernista Brasileiro, em nota ao poema **Profundamente**, de Manuel Bandeira:

A revolução modernista, agitando idéias novas, sacudiu vigorosamente a pasmaceira nacional. Foi um sopro de renovação, arejando a atmosfera doentia e falsa, criada pelo romantismo importado um século atrás. Deu impulso de renovação a tôdas as artes, influindo também no terreno das idéias políticas e sociais. Tentou atualizar o Brasil, tirando-o do século 19, em que ainda vivia em 1.922. (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 21 jun. 1959, p.1.)

Por essas palavras, percebemos o apoio de Altivo Sette às idéias modernistas e sua esperança de que tais idéias produzissem efeito não só no campo das artes, mas que pudessem dar um impulso modernizador no país do início do século XX.

Da nota ao poema de Manuel Bandeira, passamos à opinião de Altivo sobre outro escritor modernista: Augusto Frederico Schmidt. Em seu comentário, encontramos referências a características do Modernismo e uma leve noção da posição de Altivo a respeito de tais características. O trecho a seguir faz parte de nota que acompanha o poema **São Pedro**, de Schmidt.

[Schmidt] Pertenceu á geração pioneira do movimento modernista, mas sem jamais ir aos extremos, tão comuns nos elementos de vanguarda, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti, Cassiano Ricardo. Também não desceu ao meramente anedótico, nem a certo sensualismo um tanto vulgar, em moda então. / E' o mais lírico e romântico (romântico no alto sentido da palavra, sem pieguismo), o mais rico de sentimento religioso, dos nossos poetas modernos. (CÂMARA, Altivo de L. Sette. **Diário do Comércio**, 28, jun. 1959, p.1)

Altivo também não foi aos extremos, como Schmidt, também não desceu ao meramente anedótico ou ao sensualismo vulgar. Preferia uma poesia mais voltada para a crítica ao social do que para a poesia experimental dos primeiros anos do Modernismo. No entanto, características da poesia moderna são encontradas em Altivo Sette, o qual, em nota a alguns poemas de Fernando Pessoa, defende o verso livre. O trecho a seguir não é de Altivo Sette, foi transcrito por ele do livro **Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa**, de Adolfo Casais Monteiro.

...insisto em considerar fundamentalmente como incultura, essa renitência pela qual muita gente parece exigir da poesia, que não ultrapasse, nos seus ritmos, aquêles modelos que, pela sua frequência, e, sobretudo, por se acharem reduzidos a regras, permitem ás pessoas substituir a contagem ao ouvido, como base da sua apreciação. (...)sucede com a poesia que tôda a gente, mesmo e sobretudo quem

não se interessa realmente por ela, se acha ao direito de estabelecer o que ela pode ou não pode, deve ou não deve ser. Ora... que é, afinal a utilização de ritmos livres, senão o alargamento á poesia, da liberdade de construção da frase musical? (MONTEIRO *apud* CÂMARA, Altivo de L.Sette. **Diário do Comércio**, 19 abr. 1959, p.1.)

Para terminar, falta-nos falar de Carlos Drummond de Andrade, presente de forma bastante recorrente em Altivo Sette, que traz muitos poemas do itabirano para sua coluna de poesias. Novamente, o escritor são-joanense faz suas as palavras de outro escritor, desta vez de Manuel Bandeira, referindo-se a Drummond.

Os mineiros mais genuínos são dotados daquelas qualidades de reflexão cautelosa, de desconfiança, de entusiasmo fácil, de gosto das segundas intenções, de reserva pessimista, elementos todos geradores de “humour”. Tôda vez que com êsse feito mineiro coincidirem uma sensibilidade mais rara e o dom da poesia, é de esperar um humorista de grande estilo. Carlos Drummond de Andrade é o primeiro caso dessa feliz conjunção. (BANDEIRA *apud* CÂMARA, Altivo de L.Sette. **Diário do Comércio**, 25 dez. 1959, p.1.)

Alguma semelhança há entre a obra de Drummond e a de Altivo Sette, talvez porque também Altivo seja um mineiro genuíno de sensibilidade e com dom de poesia. Altivo às vezes apresenta um *humour* irônico, crítico. Trata do social como tratou Drummond. Diz sobre sua São João del-Rei como o fez o poeta de Itabira com sua cidade. Altivo Sette dialoga com seus eleitos e elege sua família literária pelas páginas do jornal **Diário do Comércio**.

Considerações Finais

Ao considerarmos a produção de Altivo Sette, percebemos que a pluralidade desse intelectual está ligada ao período efervescente em que viveu. Poeta moderno, e intelectual arguto, Altivo discute cultura e poesia a partir do seu local, São João del-Rei, ampliando fronteiras. Sua condição de homem da modernidade impôs-lhe naturalmente a tarefa de falar sobre seu tempo. Seus recortes sobre a descrença da vida na modernidade, sobre os paradoxos dessa modernidade, permitem que lhe atribuamos o título de poeta moderno: um *displaced man*, um *gauche* são-joanense solto em um mundo de constantes transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Horizontes modernistas**: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

OLIVEIRA, Martins de. **História da Literatura Mineira**: esquema de interpretação de notícias biobibliográficas. 2 ed. Belo Horizonte: s/e, 1963.

SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. **A respeito de uma criminosa demolição**. 31/01/2004.

Disponível em:

<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=29033&cat=Artigos&vinda=S>> Acesso em: 30 agosto 2006.